

## DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES DE MAGALHÃES E A IDEALIZAÇÃO DO ROMANTISMO BRASILEIRO

Ulisses Infante<sup>1</sup>  
Eladir Benvenuti<sup>2</sup>

**RESUMO:** Com o propósito de aprofundar as discussões acerca do conceito de lusofonia como forma de expressão cultural, estética e social de Brasil e Portugal surge o projeto de pesquisa “Diálogos Lusófonos: Apontamentos de Domingos José Gonçalves de Magalhães, Manuel de Araújo Porto-Alegre, Francisco Salles de Torres Homem e Joao Manoel Pereira da Silva” e, como um segmento de tais estudos, contemplando textos de Domingos José Goncalves de Magalhaes elaborados no séc. XIX, autor que, como se sabe, é tido na memória da literatura nacional como o introdutor do movimento literário denominado Romantismo em nosso país, foram desenvolvidas atividades de transcrição, atualização ortográfica e uma proposta de análise amparada em observações percebidas como relevantes para o entendimento dos fatores que contribuíram para a formação de uma literatura de nacionalidade brasileira. Com relação aos aspectos de cunho crítico e analítico da literatura buscou-se em Candido (2009), Bosi (2006) e Bandeira (2009) amparo para condução da leitura e da apreciação dos textos de Magalhães considerados no presente estudo.

**Palavras-chave:** Literatura; Lusofonia; Resgate; Pesquisa.

**ABSTRACT:** With the intention to deepen the discussions about the concept of lusophony as a means to cultural, aesthetic and social expression of Brasil and Portugal, arises the research project “Diálogos Lusófonos: Apontamentos de Domingos José Gonçalves de Magalhães, Manuel de Araújo Porto-Alegre, Francisco Salles de Torres Homem e Joao Manoel Pereira da Silva” and, as part of such studies, contemplating texts produced in the nineteenth century by Domingos José Gonçalves de Magalhães, who is, as known, held in the memory of national literature as the precursor of the literary movement known as Romanticism in our country, comprehension, spelling upgrade, study and transcription activities as well as an analysis proposal supported by observations considered relevant for the understanding of the factors that contributed to the formation of a literature of Brazilian nationality were developed. With regard to the critical and analytical aspects of the literature, researches on Candido (2009), Bosi (2006) and Bandeira (2009) were conducted in order to support the reading and appreciation of the texts written by Magalhães considered in this study.

**Key-words:** Literature; Lusophone; Rescue; Search.

### INTRODUÇÃO

Inserido na proposta que, abordando autores do Brasil e de Portugal, procura uma melhor apreensão da ideia de lusofonia como uma expressão cultural, estética e social dos dois países, durante o período compreendido entre agosto de 2012 a julho de 2013 foram desenvolvidas atividades de leitura, discussão, análise, transcrição, atualização ortográfica e revisão gramatical de escritos previamente classificados, elaborados no decorrer do século

---

<sup>1</sup> UFC - Professor Coordenador do Projeto Diálogos Lusófonos na UTFPR – Câmpus Pato Branco.

<sup>2</sup> Aluna pesquisadora do Curso de Letras da UTFPR – Câmpus Pato Branco

XIX pelos autores brasileiros Domingos José Gonçalves de Magalhães e Francisco Salles de Torres Homem, objetivando maior clareza para a assimilação e percepção das diversas fases que constituem as bases para formação das literaturas dos países de língua portuguesa.

Para a Europa, e quiçá para o resto do mundo, quando se fala em literatura lusófona ou de língua portuguesa pensa-se logo em Portugal e o nome de Camões surge como um de seus expoentes principais. É certo afirmar que os primeiros escritos literários na língua de Camões tenham surgido em Portugal, assim como foram os portugueses que levaram sua língua para a América, África, Ásia chegando até a Oceania. Hoje, porém, ainda que a história dela se inicie em Portugal, é preciso repensar os paradigmas e conceitos acerca de toda a cultura lusófona, buscando conhecer nos cinco continentes a história política e social que ancora as bases de tal literatura, para, além de um melhor entendimento, quem sabe, redefinir seu desenho no tempo e no espaço.

Surge daí a ideia da formação de grupos de trabalho que, imersos em estudos, análises e discussões dos escritos do passado, busca trazer à tona um pouco mais dos alicerces constitutivos e dos fatos marcantes que emolduraram as literaturas dos países de língua portuguesa.

Contemplando autores que fazem parte de uma geração que viu e quem sabe fez nascer o romantismo no Brasil, os estudos com enfoque em textos autorais buscam compreender a trajetória empreendida por tais homens e o valor literário e social de seus legados.

E é da leitura de escritos de Domingos José Gonçalves de Magalhães (Rio, 1811 – Roma, 1822) que nasce o presente texto, buscando apresentar algumas reflexões sobre produções do autor, que, de acordo com críticos literários brasileiros, é de significativa importância para a consolidação do Romantismo em terras tupiniquins.

Necessário dizer que a ideia deste trabalho passa longe da análise da obra poética do autor. O propósito aqui é o de trazer à tona algumas considerações centradas em um modesto estudo sobre a temática abordada na introdução do livro *Suspiros Poéticos e Saudades*, datado de 1836, auxiliado pela leitura do *Ensaio sobre a História da Literatura do Brasil*, do mesmo autor, publicado na revista Niterói também em 1836, textos esse que foram objeto de transcrição e atualização ortográfica e encontram-se hoje publicados e disponibilizados nas páginas do grupo de pesquisa GEPELUS da UTFPR de Pato Branco, especificamente no espaço destinado ao Projeto Diálogos Lusófonos. <<http://www.utfpr.edu.br/patobranco/>

estrutura-universitaria/diretorias/dirgrad/cursos/colet/grupos-de-pesquisa/gepelus/projeto-dialogos-lusofonos/textos-atualizados>

Além disso, foram consultados alguns estudiosos da nossa literatura tais como Antonio Candido, Alfredo Bosi e Manuel Bandeira, para embasar as observações aqui contidas.

## **ATIVIDADES DE ESTUDO E DE ANÁLISE**

A proposta de melhor compreensão da formação e desenvolvimento da literatura de língua portuguesa, especialmente a brasileira, que, durante muito tempo esteve atrelada às manifestações no campo das letras originadas em Portugal, sugere um mergulho profundo nas fontes que serviram de base para a construção e solidificação de nossa cultura.

Escritos que integram nosso acervo literário foram produzidos a partir do descobrimento, alguns até significativos, mas em sua grande parte delineados pelas penas de portugueses que aqui aportaram e lançaram suas âncoras. Os séculos de colonialismo, além de dizimar os autóctones cercearam em muito qualquer forma de manifestação cultural que porventura surgisse, resultando no nascimento tardio do que se pode conceituar como literatura brasileira.

Como outras tantas escolas literárias, o Romantismo nasceu em solo europeu, tendo como data base o ano de 1774. Ele aparece no Brasil 60 anos mais tarde, trazido, segundo nos diz a história, por jovens brasileiros que, embalados pelas transformações sociais e culturais da cidade luz, se sentem atraídos pelas concepções abraçadas pelo movimento romântico.

A comunidade das letras do Brasil convencionou determinar como marco inicial do movimento literário em nosso país, a publicação da obra *Suspiros Poéticos e Saudades*, que ocorreu na França em meados do ano de 1836, concebida por Domingos José Gonçalves de Magalhães, médico de formação, mas que ao longo da vida atuou como professor, diplomata, político, poeta e ensaísta, sendo inclusive agraciado com o título de Barão do Araguaia pelo então imperador D. Pedro II.

Os 55 poemas que compõem a obra estão dispostos em duas partes, sendo que a primeira se define como *Suspiros Poéticos* abordando temas diversos, a segunda batizada de *Saudades*, como sugere o próprio nome, apresenta poemas que trazem à baila lembranças nostálgicas do autor. As composições nasceram em locais diversos, a grande maioria em

território europeu, buscando seu criador situá-los dentro dos padrões da estética romântica e, assim, trazer para o Brasil um novo e transformador conceito literário.

Magalhães, nascido em 1811, diplomou-se médico em 1832, mesmo ano em que faz a publicação de um volume de *Poesias*, obra notadamente de fundo arcádico, escola que certamente serviu de base para a sua formação poética assim como de seus contemporâneos brasileiros. Partiu em viagem para a Europa no ano seguinte, só retornando ao Brasil em 1837. No velho continente visitou a Itália, a Suíça e a França, onde integrou, juntamente com Torres Homem e Araújo Porto-Alegre o chamado *Grupo de Paris*, formado por intelectuais brasileiros que travaram contato com a nova escola romântica que emergia na Europa, principalmente com os poetas franceses, nos quais buscam a inspiração para compor suas obras, assim como para revolucionar o meio literário brasileiro, transpondo para a realidade daqui as ideias e ideais que fundamentam o movimento francês.

A introdução, assim como o livro de Magalhães, foram cultuados pela comunidade literária da época por suas inovadoras formas de construir poemas, adotando novas temáticas e extrapolando os limites do bucólico adotado pelos poetas árcades da geração anterior.

Esses jovens faziam parte da nova intelectualidade brasileira e, chegando à Europa, em especial na França, se sentiram atraídos pelas proposições do romantismo que excedia o terreno das artes, se caracterizando como um movimento filosófico e político que buscava firmar o nacionalismo, através da escrita voltada para a história, a natureza e a beleza da pátria.

O conhecimento dessa nova realidade exacerbou os ânimos dos brasileiros em Paris, que vão se dedicar então à tarefa de buscar a transformação total na nossa literatura.

A leitura do convulso texto com que Magalhães brinda o leitor no prólogo de seu livro é uma mostra clara das pretensões transformadoras que margearam tal publicação. Já no primeiro parágrafo o autor aludindo a um Templo consagrado a uma Divindade, expõe a necessidade de explicar o caráter distinto de sua obra passível de ser incompreendida por mentes limitadas: “[...] Santo uso, de que nos aproveitamos, para desvanecer alguns preconceitos, que talvez contra este Livro se elevem em alguns espíritos apoucados.” [1]

Na continuidade coloca o autor que seus poemas são embalados por “[...] impressões dos lugares”, colhidas em míticos devaneios por diversas paragens, quer “[...] vagando no

infinito, como um átomo no espaço” ou “[...] refletindo sobre a sorte da Pátria.” [1] São, segundo ele,

Poesias de um peregrino, variadas como as cenas da Natureza, diversas como as fases da vida, mas que se harmonizam pela unidade do pensamento, e que se ligam como os anéis de uma cadeia; Poesias d’alma, e do coração, e que só pela alma, e o coração, devem ser julgadas. [1]

Consoante o autor, uma avaliação condizente com a proposição de sua obra deve estar amparada em três pilares que são o fim, o gênero e a forma. O fim descrito por Magalhães, “é o de elevar a Poesia à sublime fonte donde ela emana, [...] vingar ao mesmo tempo a Poesia das profanações do vulgo, traçando no Brasil uma nova estrada aos futuros engenhos.” [1]

Seu argumento é o de que vários dos poetas brasileiros que o antecederam, mesmo que dotados da inteligência poética, assim não o fizeram. Deixaram de lado o que de fato embala e dignifica a verdadeira missão do bardo, a doutrina fundamentada na ética e na espiritualidade, quando “O Poeta sem Religião, e sem Moral, é como o veneno derramado na fonte, onde morrem quantos procuram aí aplacar a sede.” [1]

Em se conhecendo o fim, conclui o autor que: “o gênero se apresenta naturalmente. Até aqui, como só se procurava fazer uma obra segundo a Arte, imitar era o meio indicado: fingida era a inspiração, e artificial o entusiasmo.” [1]

Completa o poeta que seus versos não se atêm às formas rígidas, e se expressam conforme flui o pensar, “para não destruir o acento da inspiração; além de que a igualdade dos versos, e das estâncias produz certa monotonia, e dá certa feição de concertado artifício, que jamais podem agradar.” [1]

Explica na sequência que seu livro anterior apresentava todas as imperfeições poéticas agora apontadas. Quer ele que sua nova obra cumpra o profetizado, mas “[...] se não correspondem às obras ao nosso intento; outros mais mimosos da Natureza farão o que não nos é dado.” [1]

Afirmando que “[...] a Língua se enriquece com o progresso da civilização, e das ciências, e uma nova ideia pede um novo termo”, pede Magalhães que compreendam o que pode parecer um intrincado uso da Língua Portuguesa, assim como de neologismos ausentes dos Dicionários Portugueses de então. [1]

A apoteose cívica que fecha o preâmbulo do livro: “Vai; nós te enviamos, cheios de amor pela Pátria, de entusiasmo por tudo que é grande, e de esperanças em Deus, e no futuro.” sugere o ufanismo de seu autor assim como a dignificação da nova poética arquitetada que, embora embasada em teorias já consolidadas na Europa, surge agora supostamente ambientada à realidade brasileira. [1]

Nas linhas e entrelinhas do texto introdutório é possível observar que seu autor se lançou numa empreitada de transformação e, para tanto prenuncia de pronto a possibilidade de preconceitos contra sua obra. Expõe-se e até explica a sua forma de fazer a poesia, mas tal prática vai além da simples defesa e explanação dirigida a seus possíveis desafetos, pois aqui o poeta se opõe de forma crítica ao que até então vinha sendo feito ou ao que for diferente de sua doutrina de criação.

A colocação de Magalhães: “Quando em outro tempo publicamos um volume das Poesias da nossa infância, não tínhamos ainda assaz refletido sobre estes pontos, e em quase todas estas faltas incorremos [...]” sugere uma espécie de *mea culpa* e não deixa dúvidas quanto à convicção do autor de rompimento com os hábitos e fundamentos criativos do Arcadismo e o engajamento na nova poética romântica. [1]

O mergulho literário de Magalhães iniciado no Brasil e aprofundado na Europa não se restringiu a seus, quem sabe, modestos poemas. Um de seus projetos foi empreender pesquisas para conhecer a história da literatura brasileira. Uma difícil tarefa com modestos resultados. Consoante o autor, nossa história literária praticamente não existia, e os registros de autores brasileiros eram escassos, quase nulos. É certo que a produção literária brasileira não era significativa e de forma alguma poderia competir com os padrões das publicações europeias, pelo menos em quantidade e, vivendo a margem da literatura portuguesa, era praticamente ignorada e isenta de registros tanto dentro quanto fora de nosso país. [2]

Decidido a compilar os dados históricos das obras e dos autores brasileiros, o autor se dá conta da precariedade de registros concernentes à nossa produção literária, fato amplamente comentado em seu *Ensaio sobre a história da Literatura do Brasil; Estudo Preliminar*.

A partir da ideia da importância da produção literária de cada povo, tanto cultural, como científica e histórica, o autor lamenta a grande lacuna existente em nosso país. Se por um lado nossa produção é inexpressiva, por outro ela é totalmente desconhecida no exterior. O legado

deixado por Portugal no Brasil se revelou muito mais no sentido da exploração brasileira do que em qualquer outra área. Só se começou a engatinhar na literatura com a vinda da família real para o Brasil e a necessidade da nobreza de ter acesso a alguns dos meios de lazer e conhecimento disponíveis na Europa. [2]

O autor levanta a necessidade de se criar uma cultura literária nossa, com base na realidade brasileira e, embalado pelas revelações de estrangeiros que aqui aportaram e ficaram extasiados com a abundância de belezas naturais da nossa terra, encontra aí uma temática para a nascitura de uma nova poética brasileira. [2]

As discussões filosóficas ocorridas em Paris levam ao questionamento de nosso passado histórico, se por um lado acreditamos não ter história por outro é possível encontrar nos habitantes naturais de nossa terra os nossos verdadeiros ancestrais. E é cantando a generosidade de nossos encantos naturais, assim como a beleza, a virtude e os feitos dos nativos que construiremos nossa história literária. [1]

De acordo com Candido “O movimento arcádico significou, no Brasil, incorporação da atividade intelectual aos padrões europeus tradicionais, segundo o qual se havia forjado a literatura do Ocidente.” [3] Para construir uma literatura nativa, sem rejeitar o modelo literário que tem raízes na antiga Grécia, é preciso agora incorporar a leitura e a admiração dos clássicos consagrados, os nossos clássicos, conforme Magalhães:

[...] mas porventura vós, que consumistes vossa mocidade no estudo dos clássicos latinos ou gregos, vós que ledes Voltaire, Racine, Camões ou Filinto e não cessais de admirá-los muitas vezes mais por imitação que por própria crítica, apreciáis vós as belezas naturais de um Santa Rita Durão, de um Basílio da Gama, de um Caldas?  
[2]

Esse novo paradigma literário que impulsionava nossos autores fundamentava-se na escola romântica bem como nas expectativas criadas pela proclamação da Independência depois de mais de 300 anos de domínio português.

Pelas pesquisas, Magalhães revela que, no campo da nossa Literatura: “[...] mesquinhos e esparsos são os documentos que sobre ela consultar-se pode.” Ele nos fala também que da parca educação que os brasileiros receberam dos portugueses, um legado importante diz respeito á Literatura e a Poesia que “[...] chegadas a América não perderam seu caráter

européu.” Em vista disso, equivocadamente “A Poesia do Brasil não é uma indígena civilizada, é uma grega, vestida à francesa e à portuguesa e climatizada no Brasil.” [2]

Para reverter esse quadro nossas histórias devem estar centradas no solo brasileiro, na realidade brasileira. Para tanto diz Magalhães ser necessário que “... os vindouros vates brasileiros achem no puro céu da sua pátria um sol mais luminoso que Febo, angélicos gênios, mais sublimes que as Piérides, que os inspirem.” [2]

Com a crença na premissa de ser a Revolução Francesa o alicerce para a construção de uma nova ordem política e social, em face da sua função esclarecedora para os povos de várias nações, o autor acredita que liberto de Portugal e amparado nos moldes franceses o Brasil tem a oportunidade de firmar sua história no mundo, assim se expressando:

Hoje o Brasil é filho da civilização francesa e como nação é filho desta revolução famosa, que balançou todos os tronos da Europa e repartiu com os homens a púrpura e os cetros dos reis. [...] Assim tem sempre o Brasil medrado, olhando para a França, e nós nos lisonjamos que ele não retrogradará, tomando esta grande mestra por guia. [2]

É perceptível o entusiasmo e a fé de que o espelho francês serviria de guia da nova empreitada literária, política e social. E foi esse arrebatamento que talvez tenha feito a fama de Magalhães perante seus pares e também junto ao público da época. Pois de acordo com Candido: “É provável que a maior influência individual jamais exercida sobre contemporâneos tenha sido, na literatura brasileira, a de Gonçalves de Magalhães. Durante pelo menos dez anos ele foi a literatura brasileira; [...]”[3]

Se por um lado, Bandeira nos diz que “Magalhães estava longe de ser o gênio que julgaram ver alguns de seus contemporâneos, entre os quais Torres Homem.” [4], por outro Candido comenta que “De sua parte, Magalhães levou escrupulosamente a sério a tarefa de criar a nova literatura, pretendendo reformar a poesia lírica e a epopeia, dotá-la de teatro, romance, ensaio crítico, histórico, filosófico.” [3]

Tal ideia é corroborada por Bosi que nos diz: “Do mesmo esforço de programar as nossas letras é fruto o teatro de Magalhães, que veio coincidir com a criação do primeiro grupo dramático realmente brasileiro, a Companhia Dramática Nacional, organizada em 1833 pelo ator João Caetano.” [5] Esse núcleo teatral foi criado com o propósito de levar ao palco a



peça trágica *Antonio José ou o Poeta da Inquisição* que, para seu autor Magalhães (*apud* Bosi) era “a primeira tragédia escrita por um brasileiro e única de assunto nacional.” [5]

Do manuseio dos textos do autor assim como de outras fontes consultadas percebe-se em Magalhães uma necessidade de romper barreiras e abrir novos caminhos para a arte no Brasil. Parece certo também que o desejo do autor se legitimava nas lacunas existentes e permitiam suas investidas em várias direções. Bosi se referindo a Magalhães diz que “[...] ele mesmo sentia-se no dever de ministrar os gêneros e assuntos de que a nova literatura carecia para adquirir foros de nacional e romântica.” [5]

Impossível negar o legado do autor e constatar que seu trabalho dedicado e entusiasta foi quem sabe o que alicerçou o Romantismo no Brasil, ao menos oficialmente. É preciso, porém, admitir a existência de certos paradoxos no discurso apaixonado do autor. A proposta de se fazer uma literatura brasileira transformadora e patriótica, parece um tanto quanto ingênua em seus fundamentos. Soa utópico pensar que se pode acordar um belo dia e passar a ver os indígenas brasileiros como os legítimos habitantes da terra *brasilis*, quando precisou um atestado papal para considerá-los seres humanos. Não raro foram as obras seguintes protagonizadas por indígenas idealizados, convertidos em heróis, mas integrando um mundo totalmente imaginário, diverso do real.

Ao mesmo tempo em que nos fala das artes indígenas, de seus cantos e suas músicas, tece elogios à Igreja Católica que, com sua ideia de domesticar e catolicizar, desejava inviabilizar qualquer prática primitiva que julgasse fora dos padrões ditados por Roma.

Um conceito que aparentemente está assentado no fato de ter o Brasil uma civilização autóctone e que é a história desse povo que estabelece os fundamentos da história da gente e da nação brasileira, se inviabiliza ou se perde totalmente considerando que a ditadura civilizatória e catequizante imposta pelos europeus alterou radicalmente comportamentos, hábitos, costumes e crenças e, certamente vai obstruir qualquer tentativa de resgate da cultura e da memória das etnias indígenas que aqui viviam há milhões de anos antes da chegada dos portugueses.

A apregoação de uma arte nativa esbarrava no fato de ser incomum cantar as belezas da pátria, pois o belo e o interessante da cultura eram produtos de importação. Mesmo querendo passar longe desse paradigma, o autor fundamenta sua criação e o progresso do Brasil no

modelo francês, o que leva a se pensar em uma contradição que pode desabonar o caráter de originalidade do trabalho artístico.

Contrapõe-se a ideia de um brasilianismo nato, a nada autêntica descoberta da possibilidade de cultivar as belezas da terra, que só recebe lugar de destaque após ser autenticada por europeus que por aqui passaram: “[...] e o coração do brasileiro [...] enche-se e palpita de satisfação, vendo as sublimes páginas de Langsdorff, Nisved, Spixet et Martius, Saint-Hilaire, Debret, e uma multidão de outros viajores, que as belezas de sua pátria conhecidas fizeram à Europa.” [2]

Outro destaque era a independência do Brasil, que é sabido tratar-se de um acordo de cavalheiros que manteve a monarquia e endividou o país recém-emancipado. Não se pode esquecer que quem proclamou a independência do Brasil foi um português, que mais tarde tornou-se rei de Portugal. Mas Magalhães era amigo do príncipe e, mesmo que ciente de tal fato, não se permitiria questioná-lo, pois tinha na figura do Imperador do Brasil um grande incentivador e quiçá patrocinador de sua arte, conforme enuncia Bosi: “Para o seu tempo, [...] e para o Imperador, que desde os primeiros anos do reinado o agraciou e o fez instrumento de sua política cultural, Magalhães foi sempre tido como o mestre da nova poesia.” [5]

A viagem pela Europa parece lhe ter provocado um deslumbramento ímpar e encontrando coro nas vozes de seus amigos embrenha-se numa suposta missão não se importando muito com resultados concretos. Imbuído em criar ou quem sabe recriar uma literatura, discursa um emaranhado de propostas extraíndo daquilo que se constituía nas marcas do romantismo europeu, mais especificamente francês, as bases para emoldurar aqui um novo padrão literário.

O discurso é cívico e inflamado e parece querer definir as inspirações dos novos poetas. Esse ditar regras parece dissonante com o criar individual, pois ao mesmo tempo em que o autor sugere uma total liberdade de expressão, seus dizeres vêm acompanhados do pensamento político e religioso que, na verdade ditava as regras da nova nação.

O Brasil carregava um estigma de colônia submersa em uma névoa de estagnação durante séculos, se utilizava de uma língua que não lhe era própria, e, logicamente sofrera uma influência ímpar de Portugal. Tudo isso escorregava num propósito de se criar uma arte original, tendo em vista que as raízes dessa cultura já estavam fixadas e, alterar valores e crenças já arraigados parece ser uma ideia avassaladora, porém utópica.

## CONCLUSÕES

A concepção de trabalho contemplada no projeto de pesquisa aqui evidenciado abre caminhos para apurar o conhecimento da literatura e da cultura lusófona, adentrando nos meandros dos escritos marcantes no formar literário de países de língua portuguesa que fizeram parte do que se convencionou chamar de Império Português.

Pesquisar o passado histórico da cultura brasileira propicia novos entendimentos dos caminhos trilhados e das influências que contribuíram para a formação do que hoje se consiste no legado literário da nação. É com esse conhecimento que se pode chegar a uma melhor compreensão e definição do que alavancou e quais são as bases constitutivas da literatura de nosso país.

Sobre o literato Gonçalves de Magalhães, é lícito afirmar que ainda que se possam encontrar incoerências na sua produção é certo que ela desempenhou um importante papel na nossa literatura, basta ver que o mesmo continua sendo citado como precursor do romantismo e seus *Suspiros Poéticos e Saudades* como a pedra fundamental do movimento no Brasil. Magalhães parecia acreditar no que fazia, tanto que não tinha escrúpulos em admitir seu pioneirismo na arte literária romântica brasileira, não só na poesia, mas também no teatro. E, mesmo que isso tenha sido contestado mais tarde, na época serviu para arrebanhar um séquito de admiradores e seguidores e contribuir para a formação literária do Brasil.

## REFERÊNCIAS

- [1] MAGALHÃES, D.J. Gonçalves de. **Lede** (1ª edição de *Suspiros Poéticos e Saudades*, 1836). In Projeto Diálogos Lusófonos. Textos Atualizados. Disponível em <<http://www.utfpr.edu.br/patobranco/estrutura-uiversitaria/diretorias/dirgrad/cursos/colet/grupos-de-pesquisa/gepelus/projeto-dialogos-lusofonos/textos-atualizados>> Acesso em 20 out. 2013.
- [2] MAGALHÃES, D.J. Gonçalves de. **Ensaio sobre a história da literatura do Brasil: Estudo Preliminar** (1836). In Projeto Diálogos Lusófonos. Textos Atualizados. Disponível em <<http://www.utfpr.edu.br/patobranco/estrutura-universitaria/diretorias/dirgradcursos/colet/grupos-de-pesquisa/gepelus/projeto-dialogos-lusofonos/textos-atualizados>> Acesso em 20 out. 2013.
- [3] CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 1750-1880**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: FAPESP. 2009.
- [4] BANDEIRA, Manuel. **Apresentação da poesia brasileira: seguida de uma antologia**.

São Paulo: Cosac Naify, 2009.

- [5] BOSI, Alfredo **História concisa da literatura brasileira**. 43<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cultrix, 2006.